



JAN MORRIS



espanha

Prefácio de Carlos Vaz Marques
Tradução de Raquel Mouta

COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVI

ÍNDICE

© 2016, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título original: *Spain*
© 1964, 1979, 2008 Jan Morris

Título: *Espanha*
Autora: Jan Morris
Tradução: Raquel Mouta
Prefácio: Carlos Vaz Marques
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Revisão e composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Maio de 2016

ISBN 978-989-671-316-4
Depósito Legal n.º 408 224/16

Prefácio, <i>por Carlos Vaz Marques</i>	7
Uma Nova Introdução, <i>de Jan Morris</i>	13
Prólogo: Uma Ideia Geral	17
1 Ínsula Baratária	35
2 Espanha Plural	61
3 A Dama de Elche	73
4 Sol y Sombra	107
5 Estrangeiros	123
6 Espanha Selvagem	141
7 Os Soldados	159
8 Cristo Rei	173
9 Quatro Cidades	195
10 Bacia de Barbeiro	217
Ofertório: Uma Condição	229
<i>Índice de Acontecimentos Históricos</i>	235
<i>Índice Remissivo</i>	237
<i>Nota Biográfica</i>	245

PREFÁCIO

O tempo é um soberano absoluto. Mesmo a mais intemporal das obras-primas tem data de nascimento; não pode ser lida sem que se tenha em mente o período em que foi escrita. Como entender o *D. Quixote* sem uma ideia do que foi a tradição dos romances de cavalaria? Como desvendar o jogo irónico com que Velásquez pintou *As Meninas* sem uma perspectiva mínima do que era a vida na corte, no chamado «Siglo de Oro»?

A Espanha de Jan Morris é simultaneamente datada e intemporal. A escritora percorreu o país de Cervantes e de Velásquez no princípio dos anos 60 do século xx, numa altura da vida em que as suas próprias circunstâncias eram bem diferentes. Este livro foi publicado pela primeira vez em 1964, sob a assinatura de James Morris. Só no final dessa década já distante James concretizou a operação de mudança de sexo que o levaria a assumir a identidade de Jan Morris.

Entre a primeira edição e esta que aqui se publica, revista em 1979, Espanha viveu uma transição tão profunda quanto a da própria autora: passou da ditadura à democracia.

Nalguns aspectos, este livro tem de ser lido, por isso, com inevitáveis cautelas. A sociedade espanhola (tal como a portuguesa, aliás) passou por alterações drásticas nas últimas décadas. As grandes transformações tecnológicas mudaram o mundo mas, neste canto da Europa – depois de décadas de clausura autocrática –, tudo se alterou ainda mais, com a instauração desse extraordinário acelerador de partículas que é a democracia.

Estamos, assim, perante uma dupla viagem: no tempo e no espaço. Percorremos Espanha de norte para sul, visitando-lhe os emblemas mais castiços — da tourada ao flamenco —, mas também aspectos menos notados, como uma certa pompa e uma indisfarçável tendência para a grandiosidade, tanto na arquitectura como nos comportamentos. «Neste país, tudo parece intensificar-se, como que por efeito de uma qualquer droga excitante, e as pessoas, em particular, parecem mais cruéis, teimosas, simpáticas e também mais imponentes, em todas as circunstâncias.»

A Espanha deste retrato de Jan Morris é uma entidade cruel e generosa, trágica e provocadora, orgulhosa e resignada. «Espanha prefere o tudo ou nada. É um país gravado a água-forte.»

Jan Morris não é historiadora, é escritora. Este não é um livro de História, nem um tratado sobre um país e uma cultura: é uma obra literária em que a autora se permite um olhar pessoal, interpretativo e sem o freio de cautelas académicas.

Tal como *Veneza*, também publicado nesta colecção, *Espanha* entrelaça de forma elegante uma erudição admirável e

um olhar extremamente pessoal. Jan Morris conhece bem a História espanhola mas não desdenha nunca de uma sabrosa *petite histoire*.

Como esta: São João nunca esteve em Saragoça – invalidando assim a lenda que deu origem ao culto da Virgem do Pilar, que terá aparecido ao evangelista, descendo dos céus e «pousando num pilar de jaspe» –, mas nem por isso será menos válida a invocação a que, ao longo de séculos, tantos pais e mães se entregaram, baptizando as suas filhas com o nome de Pilar.

São Tiago também nunca terá estado na Galiza, mas as peregrinações à cidade de que é patrono continuam a realizar-se ainda hoje, provando que, no caudal da História, quando a lenda se torna facto é a lenda que acaba por se imprimir na memória colectiva.

É certo que Espanha mudou extraordinariamente desde que este livro foi escrito. Ainda assim, nunca nada muda por completo em tão pouco tempo. Por baixo da superfície dos dias velozes, movimenta-se o grande rio da História, e é a partir dele que Jan Morris nos oferece algumas das suas páginas mais admiráveis. O tempo, soberano absoluto, impõe a sua lei.

CARLOS VAZ MARQUES

*Para a Elizabeth,
uma vez mais*

UMA NOVA INTRODUÇÃO
DE JAN MORRIS

Em Novembro de 1975, morreu em Madrid o general Francisco Franco, que durante trinta e cinco anos fora o ditatorial Caudilho de Espanha, e, de certo modo, este livro morreu com ele. Na sua essência, evoca retrospectivamente Espanha por altura da morte de Franco, bem como o Estado que o ditador governou e representava.

Franco chegou ao poder depois de os seus exércitos de direita dogmática e catolicismo aguerrido derrotarem o governo socialista eleito, na terrível Guerra Civil Espanhola de 1936-39, que se transfigurou de facto numa guerra entre as ideologias do fascismo e do comunismo. Esta guerra prenunciou conflitos internacionais ainda mais horrendos e redundou no isolamento anacrónico de Espanha relativamente ao progresso da Europa contemporânea. Neutral durante a Segunda Guerra Mundial, que tão radicalmente transformou o nosso continente, Estado totalitário quando a Europa Ocidental era tão vigorosamente democrática, provocadoramente católica entre estados cada vez mais

seculares, isolacionista numa Europa em aproximação gradual, manchada pelas suas referências, a Espanha de Franco era um prodígio cativante no meio das outras potências: sombria mas também soalheira, fascinante mas hostil, única tanto nas antigas glórias como nas bizarras do século xx.

Essencialmente, este é o lugar que o meu livro retrata — um país no limiar de um momento crítico. Durante tanto tempo excluída do concerto de nações da Europa, presa na camisa-de-forças do despotismo, Espanha permanecia ainda numa singular solidão. Os antigos costumes eram pujantes: os hábitos de autocracia, o poder da Igreja, a sensação de afastamento que criaram em Espanha os seus hábitos de majestosa arrogância. Continuava a ser única, reconhecendo-se-lhe a descendência da Espanha dos Conquistadores, e este livro está imbuído do meu próprio sentimento de espanto e de alienação — ninguém poderia ser menos espanhola do que eu. Desconhecia o magnífico carácter sinistro de tudo quanto é espanhol, e percorri catedrais e fortalezas, aldeias e cidades, montanhas maravilhosas e planícies calcinadas, atravessei cenários de batalha, lenda e elaborada ficção, num estado de leve alucinação.

Muito em breve tudo mudaria, pondo fim ao isolamento de Espanha. Depois de Franco ter sido depositado no seu portentoso túmulo, a nação transformou-se num reino parlamentar progressista, cerimoniosamente presidido por um príncipe da casa de Bourbon, mas dirigido por governos eleitos de ideias geralmente esclarecidas. Houve uma tentativa de golpe de Estado e a actividade terrorista era endémica,

mas o regresso de Espanha ao mundo foi em geral pacífico. Em 1986, Espanha aderiu à actual União Europeia e voltou a ser uma potência internacional. O dogmatismo da autoridade centralista esmoreceu, atenuando-se a antiga ideia de unidade subjugadora. O capitalismo concretizou-se em pleno, levando uma vez mais o empreendedorismo espanhol para o primeiro plano no mundo. A Igreja Católica perdeu o papel de juiz supremo de toda a vida em Espanha, e no desporto, nas artes, no entretenimento e no turismo os espanhóis criaram novas reputações. Enganei-me, no meu Ofertório de 1982, ao duvidar dos instintos democráticos de Espanha: para o melhor e para o pior, o velho e prodigioso Estado tornou-se menos *sui generis*, mais parecido com os outros, mais comum de facto.

Mas de modo algum a transformação foi completa, pelo menos no que à estética se refere. Passou quase meio século desde que escrevi este livro, mas sempre que volto a Espanha sinto, se não o arrepio do majestoso que costumava sentir, pelo menos o frémito da maravilha. Os excessos do turismo estragaram grande parte da costa, mas muito do interior continua a ser extraordinariamente distinto. O orgulho espanhol mantém a altivez. Os cães espanhóis ainda são cães a sério. A abundância de monges e freiras poderá já não ser a mesma, mas questões como a contracepção, o casamento entre pessoas do mesmo sexo ou a investigação com células estaminais continuam a ocupar a consciência política dos espanhóis, e ainda hoje uma interminável onda de peregrinos continua a percorrer os caminhos

de Santiago de Compostela. As paisagens são agora atravessadas por extensas auto-estradas, mas ainda se vêem ciganos, cegonhas aqui e acolá, e bares de tapas pejados de lixo.

Eu mesma fui a Santiago há um ou dois anos, e estacionei o carro na gloriosa Plaza de España, que fica mesmo perto da catedral, num verdadeiro sacrário do espanholismo. Quando quis de lá sair, descobri que o carro não pegava — fora bloqueado electronicamente, por uma qualquer ciberautoridade invisível, como precaução antiterrorista. Um polícia corpulento e vários mirones tiraram o casaco e pegaram no carro todos juntos, removendo-o da praça, para fora da zona esotericamente proibida, e nessa altura, enquanto trocavam piadas grosseiras e pareceu-me que também alguns palavrões, dei por mim a pensar que um momento destes apenas poderia ser vivido em Espanha — um momento de farsa, um momento de mistério, uma demonstração de força e camaradagem tendo como pano de fundo o esplendor de pináculos de um dos monumentos supremos da Cristandade.

Por isso, apesar de eu dizer que este livro fala de um tempo específico da História de Espanha, no fundo talvez fale sobre todos os tempos de Espanha.

PRÓLOGO: UMA IDEIA GERAL

O centro da maioria das catedrais é dominado pelo coro, uma estrutura sombria, esculpida, semelhante a uma caixa, que bloqueia a grandiosa perspectiva da nave mas proporciona um foco intelectual para a totalidade do edifício. Ali, por baixo dos tubos carrancudos do órgão, os cónegos entoam as suas litanias e os meninos do coro articulam os seus severos contrapontos, os bedéis passam a arrastar os pés com mensagens ou missais, imensos hinários de cantochão exibem-se nos seus atris, parecendo concentrar-se ali todo o pensamento e toda a razão da catedral. O coro assemelha-se não tanto a um santuário mas mais a uma biblioteca, ou talvez ao gabinete de um qualquer teólogo misógino, e é lá que o visitante vai parar primeiro, para cheirar a atmosfera livresca e inspeccionar as cadeiras do coro na penumbra, antes de partir em excursão pelo aglomerado de esculturas e santidade, pelo museu de relíquias sagradas, sublimes invenções, curiosidades, excessos, superstições e esplendores que compõem uma igreja espanhola.

Na grandiosa catedral que é a própria Espanha, o papel do coro é representado pelo mosteiro-palácio de seu nome Escorial, pois ali se podem sentir, recolhidas na escuridão de labirintos de granito, todas as forças que enformaram este país impressionante e por vezes assustador. Fica nos contrafortes da Serra de Guadarrama, com matas e neves pelas costas, tendo pela frente o amplo planalto de Castela que se estende até Madrid. É rectangular, e enorme, e implacavelmente severo, sem que o suavize a mínima mancha de folhagem ou decoração: é um local de culto, um palácio real, um mausoléu, tão imenso que é oficialmente considerado uma cidade, com oitenta e seis escadarias, oitenta e nove fontes, mais de mil portas, treze oratórios, celas para trezentos monges, túmulos de vinte e quatro reis e rainhas, dezasseis pátios, duas mil seiscentas e setenta e três janelas e mais de cento e cinquenta quilómetros de corredores. Amplos pátios despidos rodeiam as paredes desta maravilha, pairando respeitosa e nos seus arrabaldes uma pequena cidade, e de lá longe, do outro lado da planície, até mesmo das ruas de Madrid, podemos vê-la encaixada na orla da montanha, parecendo a um só tempo sagrada, ameaçadora e obcecada.

O Escorial foi mandado construir por Filipe II de Espanha, neto de Joana, *A Louca*, que ele visitara em criança, encontrando-a agachada no chão da sua câmara de loucura, envolta em delírios e farrapos, e rodeada de pratos de comida bolorenta. A construção iniciou-se em 1563, para que fosse jazigo de família, bem como seu palácio. O monarca adorava

a austeridade natural das terras altas de Castela, tão atrozmente quentes no Verão, tão duras com os ventos cortantes do Inverno, e foi inspirado pelo facto de na sua geração Espanha ter alcançado o apogeu do poder mundial. Era a nação mais rica e formidável à face da Terra. A partir destas divisões, segundo palavras do próprio, Filipe «regia o mundo com duas polegadas de papel», fazendo do grandioso edifício não só uma expressão do seu carácter orgulhoso e desconfiado, mas também um templo dos valores pelos quais a Espanha se orientaria desde aquele tempo até ao nosso. Desde a época de Filipe, a História deste país tem sido geralmente melancólica e muitas vezes trágica, mas o estilo estabelecido naqueles tempos áureos continua a ser o estilo dominante hoje, e o Escorial nada tem de antiquado. Pela ideia que lhe subjaz, pelo seu carácter, até mesmo pelo trabalho meticuloso dos artesãos espanhóis, poderia ter sido construído ontem, pois só agora, quatro séculos mais tarde, Espanha põe timidamente de parte o modo de ser que Filipe cunhou para ela.

Nos intermináveis corredores e pátios, sente-se o gosto de Espanha por tudo quanto é grandioso e subjugador, alimentado pelo falso despontar de um apogeu imperial e muitas vezes vulgarizado em estilo bombástico. Na frieza e na desolação deste edifício, consegue detectar-se o estoicismo aristocrático de Espanha, algo de grandiosamente ascético no carácter do país, que muitas vezes o faz parecer transcendente e absorto. Na inescapável presença do próprio Filipe, que assombra todos os cantos do Escorial, consegue sentir-se a eterna ânsia desta nação por um homem

forte no centro, o instinto recorrente de autocracia. No padrão claro do edifício, que se diz seguir a forma de gradeado em homenagem ao martírio de São Lourenço, vêem-se reflectidas a claridade e a precisão que caracterizam tantos aspectos da vida dos espanhóis. No seu estilo autoritário, percebe-se de que modo o centro deste grande país impôs a sua vontade sobre a periferia, a todos pisando com a sua cultura castelhana e controlando atentamente quaisquer desvios. Na imensa basílica, embutida no seio da estrutura, consegue discernir-se a proximidade que a fé cristã manteve com as fontes de autoridade em Espanha. Nas galerias ornamentadas e exíguas dos túmulos reais — com os seus espaços para monarcas ainda vivos, jazigos separados para bastardos e parentes por afinidade, com os seus brasões pequenos e perfeitos, e entalhes de árvores genealógicas, com o podredouro onde ainda hoje jaz o cadáver da rainha regente D. Maria Cristina, «por razões políticas» —, no meio de todo este mórbido esplendor, é possível observar o amor que os espanhóis têm à hierarquia e à formalidade, com a convicção de que a morte é apenas um fim adequado para um padrão familiar.

Acima de tudo, na tristeza que domina o Escorial, sente-se algo da tragédia de Espanha, da sua falha em realizar-se. Aqui, no ápice do mundo conhecido, Filipe viveu uma vida dedicada e abstémia, e aqui recebia os embaixadores deslumbrantes, num trono tão simples como uma cadeira de cozinha, com um chapéu alto sem aba e de perna apoiada num banco para pés gotosos. Passou a vida mergulhado em

trabalho e orações, o seu quarto era uma espécie de cela, vivia rodeado de arquivos com assuntos de Estado, chaves de código e ficheiros de informação secreta. Revestia-se de uma aura de grande poder, temor e santidade, por isso até mesmo os enviados mais experientes chegavam com nervosismo à sua presença, e ainda agora a sua memória tem algo de terrível. Morreu, contudo, muito infeliz. Ali jazeu em ulcerosa agonia, com um crânio coroado na mesa a seu lado, observando os rituais da capela por um buraco que ficava junto à sua cama. Dali encomendou pano negro para as suas próprias colgaduras fúnebres e ali ensaiou o ritual de extrema-unção, num tal estado de dor que por vezes não suportava sequer o peso de um lençol sobre o corpo, e em tal esqualidez gangrenosa, diz-se, que aos seus próprios cortesãos faltava coragem para se aproximarem. Quando finalmente morreu, cumpriram-se dois séculos de orações contínuas pela sua alma na Basílica — quando morreu em 1598, foi com o conhecimento de que o breve apogeu de Espanha já terminara, de que o vasto império começava a desagregar-se e de que, afinal de contas, duas polegadas de papel espanhol nas mãos de um aristocrata espanhol devoto não haviam sido assim tão omnipotentes.

Ainda hoje se pode sentir tudo isto no Escorial e é possível perceber como o orgulho, a resignação e o desapontamento do reino de Filipe se projectaram até à Espanha do século xx. Em grau mais elevado do que muitos países, Espanha alimenta-se do seu próprio passado. Ainda agora, os seus assuntos estão sujeitos ao sombrio magnetismo do

Escorial, ou pelo menos ao pólo de emoções que esta grandiosa obra de fé e política representa.

Os geógrafos espanhóis são grandes apreciadores de gráficos de altimetria: diagramas que, realizando um corte imaginário na Península Ibérica, nos mostram como as altitudes variam de um mar até ao outro. Se aplicarmos esta técnica à laje da História de Espanha, verificaremos que, apesar de o gráfico apresentar irregularidades frequentes, o seu traçado é tristemente simples. Desde os primórdios da História até ao século XVI, os espanhóis ascenderam gradualmente rumo ao pináculo do sucesso, sendo muitas vezes atrasados por guerras e invasões, mas acumulando sempre riqueza, cultura, prestígio e unidade. Por outro lado, desde o século XVI até aos tempos de hoje, viram-se quase sempre numa vertente escorregadia, por vezes fincando os pés com toda a coragem, mas na maioria dos casos mergulhando, desamparados, numa amálgama de desespero e recriminação. A História de Espanha não tem um traçado feliz, mas pelo menos é simétrica.

Os espanhóis sempre foram um povo bélico, e os antigos iberos ganharam fama pelos seus feitos de armas. Alguns ficaram na História por desenharem touros em cavernas e outros, como os povos do Campaniforme, terão sido os migrantes que erigiram as pedras de Stonehenge. Mas, para os primeiros cronistas dos seus assuntos, os espanhóis eram acima de tudo soldados — os guerrilheiros originais. Os antigos fenícios e gregos, mais mercadores do que conquista-

dores, parecem ter estabelecido entrepostos comerciais na península sem grandes dificuldades, mas os cartagineses e os romanos que se lhes seguiram, com ambições de domínio, enfrentaram a oposição de tribos com um violento talento marcial. Os romanos demoraram duzentos anos a dominar Espanha, e no país abundam lendas de comunidades que, em vez de se submeterem às legiões, preferiam incendiar as próprias casas e morrer lá dentro, ou então lançar-se em massa de precipícios. Foi a longa resistência dos espanhóis que obrigou Roma a adoptar a conscrição, e os armeiros romanos criaram a famosa espada curta dos legionários a partir de um modelo espanhol. Espanha estava repleta de povos temíveis. O povo do centro limpava os dentes com urina velha, o povo do norte comia bifés de urso e bebia sangue de touro, o povo do noroeste sacrificava os prisioneiros para ler o futuro nas suas entranhas. «De corpos acostumados à abstinência e à lida», escreveu um observador romano no século I a.C., «e de cabeça serena perante a morte, todos praticam uma moderação austera e constante. Preferem a guerra ao bem-estar e, caso lhes falem inimigos externos, procuram-nos no seu seio.» O grito de guerra dos asturianos descrevia-os bem. Assemelhava-se ao uivo de um lobo voraz e insaciável e assumiu a seguinte forma fonética: — *Icucuuuu!*

Mas já nessa altura os espanhóis, com urina, sangue de touro, uivos de lobo e tudo o mais, ascendiam no tal gráfico. Com os fenícios, aprenderam a escrever, a usar dinheiro, a extrair minério para os seus metais. Com os gregos, aprenderam a cultivar a vinha e a oliveira, bem como a fazer belos

objectos. Com os romanos, aprenderam tanto que se transformaram na raça mais avançada e culta de todas as que foram dominadas pelo império. Os soldados passaram naturalmente a ser um dos pilares das legiões, mas durante os seis séculos de ocupação romana, os espanhóis também se aprimoraram maravilhosamente nas artes mais delicadas. Grande parte da literatura romana tardia teve origem na Hispânia, desde as sátiras de Marcial aos sermões estoicos de Séneca, e os imperadores Trajano, Adriano, Marco Aurélio e Teodósio, *O Grande*, eram todos oriundos da Hispânia. Quando os romanos finalmente retiraram, deixaram para trás um país cristão próspero. E os visigodos, que se lhes seguiram no século v e expulsaram a ralé de diversos bárbaros que haviam invadido a Hispânia pela Gália, depressa se viram moderados pela cultura daquela região: o seu cristianismo rude e fissíparo suavizou-se num catolicismo ortodoxo e os seus modos grosseiros tornaram-se mais brandos e refinados. A cruel terra ocidental de povos perigosos — o *ne plus ultra* dos antigos navegadores, a *horrida et bellicosa provincia* dos invasores romanos — transformou-se num país cobiçado, civilizado e produtivo. Os seus padrões haviam certamente declinado desde a época áurea de Roma, mas apresentava riquezas que valia bem a pena colher.

Não admira que os muçulmanos, irrompendo pelo Norte de África na fúria da sua expansão do século VII, em breve acalentassem intenções quanto àquela terra. Marrocos e a Península Ibérica estavam separados por apenas trinta quilómetros de mar, e em muitos aspectos o país parecia uma

espécie de África idealizada — África sem o calor, sem a seca, sem a areia, as moscas ou as doenças, onde donzelas «belas como huris», assim pensava um árabe da época, «se reclinam em divãs macios nos palácios sumptuosos de senhores e príncipes». Em 711, os muçulmanos atravessaram o estreito, incitados por dissidentes do outro lado. Precisaram apenas de dois anos para subjugar todo o Sul da península e também grande parte do Norte, e reza a História que o último dos reis visigodos se afogou com tal irrevocabilidade mística nos pauis de Cádiz, que nunca mais seria visto, tendo sobrevivido apenas o cavalo enlameado com os seus arreios dourados para indicar o local. Os mouros, como os espanhóis chamaram à mistura de árabes, sírios, egípcios e berberes desta conquista, fizeram da Península Ibérica a província mais ocidental do Islão e mantiveram-se no seu solo durante setecentos anos.

Uma vez mais, a Espanha ganhou com isso. As disputas entre os diversos mouros eram constantes, mas as antipatias tribais evoluíam em breve para o supremo califado de Córdova, que se estabeleceu em rivalidade com a dinastia abássida de Bagdade, e o Estado assim formado era de tal modo culto, sofisticado, liberal e minudencioso, que durante um século o Sul de Espanha foi a estrela polar da Europa e Córdova tinha apenas Constantinopla como sua superior. Havia liberdade religiosa na época áurea deste califado admirável, as mulheres tinham igualdade de oportunidades na educação, as bibliotecas, as universidades e os observatórios prosperavam, abundavam poetas e os músicos eram

considerados grandes homens. A própria vida, tomada no resto da Europa como uma espécie de preparação probatória para a morte, era interpretada como algo glorioso em si mesmo, para ser enobrecido pela aprendizagem e animado por todo o tipo de prazeres. Os mouros, oriundos de um meio árido, foram os aguadeiros de Espanha, os seus jardineiros: transmitiram à cultura hispânica uma nova graça, ensinaram ao povo espanhol as técnicas de irrigação, e quando o seu espírito começou a degenerar em excessos e devaneios sibaritas, infundiram na corrente espanhola alguns vestígios embrionários do seu romantismo — as primeiras ideias de volutas, latência, quarto de tom e castanholas.

No entanto, nunca conseguiram obliterar completamente a Hispânia cristã. Mesmo no Sul, havia nobres cristãos que obtiveram uma espécie de autonomia, e no Norte pluvioso permaneceu um pequeno núcleo de cristãos que nunca chegou a render-se. Na lendária batalha de Covadonga, em 718, reza a História que um bando de trinta e um cristãos deteve o avanço de quatrocentos mil muçulmanos, mantendo assim os mouros fora das montanhas das Astúrias, e as gerações construíram o sonho da reconquista em torno das memórias desta façanha. Foi a era do Cid e dos seus leais confrades dos contos de cavalaria. Liderados por estas personalidades eminentes, os cristãos foram retaliando aos arrancos e aos saques, recuperando gradualmente terreno em direcção a sul, umas vezes lutando entre si, outras coligando-se, outras ainda virando a casaca para ajudar um amigo muçulmano contra um inimigo cristão. Era uma espé-

cie de Cruzada desorganizada, mas em finais do século XI os cristãos, agrupados em diversos principados, já tinham reconquistado o planalto central de Espanha. No final do século XIII, já haviam tomado Córdova e também subjugado todo o restante território, à excepção de uma faixa costeira meridional. E em 1492 os Reis Católicos da Espanha cristã, Isabel de Castela e Fernando de Aragão, expulsaram o último dos reis mouros do seu encantador palácio em Granada, assim consumando a libertação. Ergueu-se a cruz nas mesquitas do Alhambra, alguém publicou uma gramática da língua castelhana, e Espanha adquiriu uma nova identidade.

Aproximamo-nos agora do pico do tal gráfico, pois foi neste momento da sua história que Espanha se tornou, quase simultaneamente, livre, unida e poderosa. Livre, pois acabou com a subjugação dos mouros. Unida, pois os dois reinos cristãos aí dominantes, Castela e Aragão, ligaram-se pelo matrimónio. Rica e poderosa, pois ainda no mês da queda de Granada, quando se expulsaram os últimos mouros do Alhambra, para serem baptizados à força, Cristóvão Colombo foi chamado à presença dos Reis Católicos, tendo sido encarregado de explorar o oceano a ocidente. O navegador descobriu a América, transformando imediatamente a Espanha numa das grandes potências do mundo. Assim se lançaram os seus indómitos aventureiros, fugindo à triste pobreza dos planaltos e avançando sem resistência pela América Latina dentro, onde fizeram ruir os fantásticos reinos dos astecas e dos incas, construíram igrejas, missões e palácios, e de onde enviaram para casa uma torrente

estonteante de ouro e prata. Nos píncaros do arrebatamento e da realização, os espanhóis pareciam invencíveis. Carlos I eliminou a negativa do antigo epíteto e adoptou a divisa *plus ultra*, como que insinuando que nada estava fora do alcance da Espanha. Foi com imponência que o papa concedeu aos espanhóis toda a terra a ocidente das ilhas de Cabo Verde, e os próprios, fosse por meio de guerras ou de matrimónios, foram expandindo audaciosamente os seus domínios, até serem senhores do maior império desde a época dos romanos.

Carlos I de Habsburgo, pai de Filipe II, também foi sacro imperador romano-germânico, e os territórios que deixou ao filho incluíam as Américas Central e do Sul, grande parte do que constitui actualmente os Estados Unidos, extensas porções de França, dos Países Baixos, do Sul de Itália, das Filipinas, do Ceilão, do Congo e de diversas ilhas e colónias que iam de Sumatra aos Açores. Quando Filipe se mudou para o Escorial, onde supervisionou até ao mais ínfimo pormenor da construção ainda inacabada, Espanha atingira o seu apogeu. Era a potência suprema e a defensora universal do catolicismo. Com uma mistura fecunda de culturas cristã e mourisca, ibérica e romana, uma imagem nacional de tanto orgulho, que o nobre espanhol era o cúmulo da elegância e da autoridade na Europa, com a bravata provocatória dos seus viajantes e sem ninguém que com ela rivalizasse em experiência no Novo Mundo, deverá ter parecido, aos olhos de estados menos activos, uma nação verdadeiramente prodigiosa. Tinha um cristianismo vistoso

e agressivo, e Deus parecia estar claramente do lado dela. A verdade, pensavam os espanhóis, era não só indivisível, mas espanhola na sua essência — e se um império conhece toda a verdade, será alguém capaz de o suplantar?

Mas todos os impérios pensam que a conhecem, e os espanhóis não ficaram por muito tempo naquele cume cintilante. A gangrena e a exaustão instalaram-se tanto na nação como no rei, e quando transportaram o catafalco de Filipe II para a cripta funerária, depositando o seu cadáver no *pu-dridero*, já Espanha iniciara o seu longo declínio. À excepção da arte, tudo apodreceu. Em defesa da unidade católica, cometeu-se a imprudência de criar inimigos dentro e fora da nação. As riquezas do Novo Mundo foram esbanjadas em guerras e confusões políticas por toda a Europa. Os holandeses revoltaram-se, os catalães também, e os ingleses protestantes, que já haviam derrotado a Armada espanhola, gabavam-se deste triunfo herético. A glória acabou por não passar de uma miragem, e até mesmo o passado heróico da Espanha azedou, quando Cervantes zombou das pretensões de cavalaria espanholas no livro que, segundo se diz, matou uma nação. Ainda abundavam os talentos, pintores e escritores, místicos e filósofos, mas, por trás da fachada de pompa, Espanha já era um reino de pobres e ilusões. Secara a seiva do mouro, tendo sido votadas ao abandono as obras de irrigação. As antigas forças centrífugas de Espanha, herdadas das tribos e da rivalidade entre reinos, ganharam nova vida, atormentando o corpo político, e dilaceraram o forte

poder central representado pelo Escorial. Nunca o momento de supremacia de uma nação foi tão breve, nem tão deslumbrante, e nunca mais a Espanha teria tanta certeza do seu lugar no mundo.

Em 1700 os Bourbons, um nome de família que se tornara sinónimo de decadência, sucederam aos Habsburgos no trono de Espanha, e sob a sua égide a nação mergulhou numa impotência provinciana. A Guerra da Sucessão despojou os espanhóis do seu império europeu e até mesmo do Rochedo de Gibraltar. As Guerras Napoleónicas levaram primeiro à perda da Luisiana e de Trinidad, depois à calamidade de Trafalgar e, por fim, à ocupação francesa da península e à ascensão de José Bonaparte ao trono de Espanha. A Guerra Peninsular — a que os espanhóis chamam Guerra da Independência — repôs os Bourbons no poder e revelou o violento espírito de luta dos trabalhadores espanhóis, mas acabou por acentuar a dependência da Espanha relativamente a aliados mais poderosos. Uma sucessão de guerras coloniais teve como único resultado a independência das repúblicas sul-americanas. As duas Guerras Carlistas, relacionadas com a sucessão ao trono, assolaram as regiões rurais espanholas e aticaram no povo uma chama de destruição mútua. As guerras do Rife, no Norte de África, esvaziaram os cofres de Espanha e dizimaram-lhe a mão-de-obra. A Guerra Hispano-Americana, que terminou ignominiosamente em 1898, não só a fez perder Cuba, a última das grandes colónias, mas também expôs o seu isolamento no mundo, nem carne nem peixe entre os outros

Estados, orgulhosa mas pobre, famosa mas sem força, imperial mas desprovida de império. Internamente, eram constantes os conflitos entre tradicionalistas e liberais, proprietários rurais e classes trabalhadoras, centralistas e federalistas, e durante trinta anos da época vitoriana a Espanha teve por rainha titular a ninfomaniaca Isabel II, e o seu ninho de amor de veludos encarnados, que ficava por cima de um restaurante em Madrid, ainda hoje é mostrado aos turistas de propensões académicas. Nessa altura, nem sequer a Revolução Industrial conseguiu pegar. Mesmo o génio artístico emurcheceu. Nunca um século foi tão desastroso para uma nação como o século XIX para Espanha.

Assim entrou a manquejar no nosso tempo... com metade do seu ser, pois a outra metade deixara-se ficar nostalgicamente com o Cid e os conquistadores. Era um país em completa desordem: desorientada por azedas questões políticas internas (entre 1814 e 1923 houve quarenta e três golpes de Estado); enredada em guerras constantes nos vestígios patéticos do seu império, agora confinados a uns poucos enclaves arenosos ou fétidos em África; um zero à esquerda em questões diplomáticas e tão insignificante a nível estratégico, que a Primeira Guerra Mundial lhe passou desdenhosamente ao lado. Atormentavam-na ideologias contraditórias — dogmas de monarquia, teocracia, despotismo, democracia, socialismo, anarquismo, comunismo. A pobreza rural e a miséria urbana irrompiam periodicamente de forma violenta. As políticas coloniais eram de tal modo disparatadas, que em 1921 o exército estacionado em

Marrocos foi aniquilado no Rife. Houve um ditador, Primo de Rivera, que veio e foi. Em 1931, o último dos Bourbons, retirando-se do caos com uma vénia, permitiu que uma república de esquerda se instalasse, e em 1936 todos estes séculos de fiasco, dissidência e frustração deram origem ao desespero supremo, a Guerra Civil Espanhola.

Em teoria, era uma revolta dos conservadores nacionalistas contra a república, mas na realidade acabou por ser uma dupla revolução — da direita e da esquerda contra o centro. As paixões que irromperam em tão hedionda ebulição estavam latentes há cinco séculos e infligiram feridas tão profundas, que ainda hoje se vêem as cicatrizes. «Os Outros», era assim que os espanhóis da esquerda derrotada por vezes se referiam aos seus adversários, e esta sombria reserva, tão abafada, tão dissimulada, expressava correctamente a herança do conflito. Durante mais de quarenta anos depois de os nacionalistas vitoriosos do general Francisco Franco instaurarem a sua autarquia de direita, Espanha ficou presa no rescaldo da guerra, sujeita a um despotismo que tinha por principal objectivo garantir que o *statu quo* nunca mais seria perturbado. Só com a morte de Franco, em 1975, e a restauração da monarquia por ele decretada começou Espanha a libertar-se das inibições que tanto a debilitavam.

O que se segue? Não se sabe. Aqui o gráfico desvanece-se, com o rei Juan Carlos no trono de Espanha e uma democracia liberal que crepita e por vezes explode, ganhando vida, à volta dele, juntamente com toda a parafernália de festas, eleições, greves, protestos e grafitis. Espanha é agora

uma democracia, mas o seu papel no mundo continua a ser incerto, o destino deste país parece não se ter ainda realizado, e só nos é possível olhar para o futuro do país através de um véu de memória e conjectura — «a poeirada», como disse certa vez o filósofo José Ortega y Gasset, «que fica no ar quando um grande povo passa a galopar pela grande rota da História».

Em geral, o visitante, ajustando a visão à penumbra, detém-se por algum tempo no coro para consultar o guia, recostando-se talvez na escultura de um crocodilo, ou então apoiando o livro num atril do século XIV. Quando sente que já tem uma ideia geral do edifício, que já domina as suas origens e percebe os períodos históricos, vai explorar o resto — assim também o viajante, depois de ler o texto do Escorial, poderá sentir-se preparado para inspeccionar as naves e capelas de Espanha, onde o pó se demora e dança nos feixes de luz, com o ribombar longínquo de carros em pano de fundo.

NOTA BIOGRÁFICA



JAN MORRIS recebeu ao nascer, em 1926, na pequena cidade inglesa de Clevedon, o nome de James Humphrey Morris. Estudou História em Oxford e aos 17 anos ingressou, como voluntário, no Exército inglês.

Após deixar a vida militar, integrou a redacção do jornal *The Times*. Nessas funções, acompanhou a primeira expedição britânica a alcançar o topo do Evereste, em 1953. Mais tarde, Jan Morris diria que a experiência enquanto jornalista «arruinou para sempre» qualquer possibilidade de vir a escrever ficção. Apesar disso, publicou dois romances e uma colectânea de contos, além de relatos de viagens, livros de história e ensaios. No início dos anos 60 iniciou um longo período de transição do sexo masculino para o sexo feminino.

Filha de pai galês e de mãe inglesa, Morris vive no País de Gales, sendo adepta do nacionalismo republicano galês. Em 2008, o *The Times* incluiu-a entre os 15 maiores escritores britânicos do pós-guerra.

Em Portugal, também na Colecção de Viagens, a Tinta-da-china publicou já dois livros de sua autoria: *Véneza* (2009) e *Hav* (2014).



espanha

foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso na
Rainho&Neves, em papel
Coral Book de 90 gramas,
em Abril de 2016.

NESTA COLECÇÃO

Morte na Pérsia
Anemarie Schwarzenbach
(trad. Isabel Castro Silva)

Uma Ideia da Índia
Alberto Moravia
(trad. Margarida Periquito)

Paris
Julien Green
(trad. Carlos Vaz Marques)

O Japão É Um
Lugar Estranho
Peter Carey
(trad. Carlos Vaz Marques)

Veneza
Jan Morris
(trad. Raquel Mouta)

Caderno Afegão
Alexandra Lucas Coelho

Disse-me Um Adivinho
Tiziano Terzani
(trad. Margarida Periquito)

Nova Iorque
Brendan Behan
(trad. Rita Graña)

Histórias Etiópes
Manuel João Ramos

Na Síria
Agatha Christie
(trad. Margarida Periquito)

A Viagem
dos Inocentes
Mark Twain
(trad. Margarida Vale de Gato)

Viva México
Alexandra Lucas Coelho

Jerusalém — Ida e Volta
Saul Bellow
(trad. Raquel Mouta)

Caminhar no Gelo
Werner Herzog
(trad. Isabel Castro Silva)

Cartas do Meu Magrebe
Ernesto de Sousa

Viagem de Autocarro
Josep Pla
(trad. Carlos Vaz Marques)

O Colosso de Maroussi
Henry Miller
(trad. Raquel Mouta)

O Murmúrio do Mundo
Almeida Faria

Viagem a Tralalá
Wladimir Kammer
(trad. Helena Araújo)

Histórias de Londres
Enric González
(trad. Carlos Vaz Marques)

Os Primos da América
Ferreira Fernandes

Cadernos Italianos
Eduardo Pitta

Um Gentleman na Ásia
Somerset Maugham
(trad. Raquel Mouta)

Mais Um dia de Vida —
Angola 1975
Ryszard Kapuściński
(trad. Ana Saldanha)

Vai Brasil
Alexandra Lucas Coelho

Dicionário de
Lugares Imaginários
Alberto Manguel
e Gianni Guadalupi
(trad. Carlos Vaz Marques e
Ana Falcão Bastos)

Hav
Jan Morris
(trad. Raquel Mouta
e Vasco Gato)

Mi Buenos
Aires Querido
Ernesto Schoo
(trad. Carlos Vaz Marques)

Histórias de Roma
Enric González
(trad. Rita Almeida Simões)

A Estrada para Oxiana
Robert Byron
(trad. Raquel Mouta)

Dália Azul, Ouro Negro
Daniel Metcalfe
(trad. Susana Sousa e Silva)

Era Uma Vez em Goa
Paulo Varela Gomes

Viagem à Volta
do Meu Quarto
Xavier de Maistre
(trad. Carlos Sousa Almeida)

Terra Nullius
Sven Lindqvist
(trad. Luís Mexêdo)

Histórias de
Nova Iorque
Enric González
(trad. Raquel Mouta)

Cartas Persas
Montesquieu
(trad. Isabel St. Aubyn)

Sibéria
Olivier Rolin
(trad. Isabel St. Aubyn)